

O tipógrafo e o escritor: uma década de correspondência entre Alexandre Vieira e Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre*

Existe investigação de monta sobre o caso dos tipógrafos da Biblioteca Nacional de Lisboa [BN] (hoje BNP: Biblioteca Nacional de Portugal) e sobre a presença em tribunal militar de Alexandre Fernandes Vieira (AV: 1880-1973) para responder à suposta agressão ao diretor Dr. Fidelino de Sousa de Figueiredo (1888-1967), em março de 1927. Proponho-me acrescentar algo a essa investigação, através da correspondência trocada entre 1924 e 1934 por AV e Afonso Lopes Vieira (ALV: 1878-1946), embora a documentação se revele truncada de bastantes documentos. O espólio da Biblioteca Municipal de Leiria Afonso Lopes Vieira [BML], nos XIV volumes de *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira [Cartas...]*, preserva um postal e sete cartas de AV para ALV e a *Casa Comum*, sítio arquivístico desenvolvido pela Fundação Mário Soares, do espólio de Alberto Pedroso, nos documentos de correspondência de AV, preserva três cartas digitalizadas de ALV para AV, conjunto documental epistolar de onze textos que transcrevo no final e tentei ordenar cronologicamente.

Com a criação e a publicação da revista *Lusitânia – revista de estudos portugueses*, entre 1924 e 1927, dirigida por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, editada na tipografia da BN, e com a participação de grande parte dos intelectuais conhecidos por Grupo da Biblioteca, bem como outros e ideologicamente diversos e distintos investigadores, as visitas de ALV à BN eram frequentes e tudo indica que terá seguido os trabalhos da tipografia, com o seu perfeccionismo habitual, tendo escolhido AV para revisor. O primeiro postal de AV reflete esta função, embora nos indique que ALV lhe teria enviado

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeia..

um postal antes, o que poderá ter quebrado a distância de classe social, que durante toda a vida o escritor se aplicou em desfazer pelas amarras da amizade.

A carta seguinte, de 1927, é de ALV e apresenta-se como uma reação primeira de solidariedade face ao ‘caso’ da BN. AV tinha chefiado a tipografia da *Seara Nova* e, depois, a da BN, quando, em 1919, Jaime Cortesão (1884-1960) e Raul Proença (1884-1941) assumiram a sua direção. Depois de instituída a Ditadura Militar, e demitidos aqueles, dá-se o conflito laboral com o novo diretor da instituição, Fidelino de Figueiredo (1889-1967), que resolve retirar os direitos laborais aos gráficos. Em defesa dos seus direitos, AV acompanhado de doze operários, foram recebidos pelo diretor no seu gabinete, em 3 de março de 1927. Perante a ordem de expulsão de AV do edifício e a agressividade de Fidelino Figueiredo, sentindo-se ameaçado fisicamente, AV ter-lhe-á dado dois murros (ou atirado com um tinteiro?). Juntamente com os doze operários, AV foi detido e levado para o Governo Civil, onde permaneceu uma semana, submetido a diversos interrogatórios policiais. A 10 de março é conduzido ao Forte de Monsanto e a 14 de maio seguiu, sozinho, para a Cadeia do Limoeiro, tendo sido libertado sob fiança e ficando a aguardar julgamento, dois dias depois. O julgamento realizou-se no Tribunal da Boa Hora em 23 de junho de 1927, sendo o advogado de defesa Ramada Curto (1886-1961) e tendo por testemunhas ALV, Ferreira de Macedo (1887-1959), Aurélio Quintanilha (1892-1987) e José de Figueiredo (1872-1937). Foi condenado a 30 dias de prisão.

Logo na carta de 30 de março de 1927, ALV mostra-se convicto da inocência de AV e revela como a sua amizade se estendia a toda a classe dos gráficos, pois a notícia da detenção lhe chegou por um dos gráficos, Carlos Dias. É notória ainda a forte ligação de ALV com o primeiro diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (entre 1911-1937), José de Figueiredo, através de quem terá obtido **informações informais**, vindas do próprio ministro da Instrução, à época José Alfredo Mendes de Magalhães (1870-1957), sobre a caducidade do cargo da direção da BN em Fidelino. ALV devolve a dignidade ao tipógrafo AV, alvitrando a posterior entrada de um processo de difamação ao diretor, o que julgo nunca aconteceu. A carta de 5 de abril de AV, mostra com clareza que o mau relacionamento com Fidelino já vinha de trás e que o escritor tinha conhecimento desse mal-estar, mas a gratidão por um tal gesto de solidariedade é reiterada até à exaustão, bem como a autorização do ministro da Instrução para a publicação do Manifesto dos Gráficos (que seria, provavelmente, explicativo da situação), mas que a Censura vetou. A violência da situação é bem descrita nesta carta de AV. É sabido que AV é finalmen-



Alexandre Vieira, 8-3-1927, em fotografias feitas pelas autoridades aquando da sua detenção
[601][C-631][ca-PT-TT-PVDE-Policias-Anteriores-1-NT-8902_m0042]

te solto, sem culpa formada, mas as oficinas gráficas da BN são fechadas como retaliação, o que poderá estar relacionado com (ou ter contribuído para) o processo de dissolução da revista *Lusitânia*.

A longa carta seguinte é de 20 de fevereiro de 1929, e nela AV oferece um retrato muito alargado da sua biografia que nos permite entender que tenha continuado a existir troca epistolar entre os dois amigos, mas que a polícia política tenha ficado com toda a documentação, bem como livros oferecidos por ALV com dedicatória. Caricato ou não, o facto é que sendo oposicionista e tendo sido ‘denunciado’ por um dos seus companheiros, o exílio para Paris foi a sua opção. Vítima dos métodos ditatoriais para forjarem a informação pretendida, porém sem queixas desnecessárias, AV revela manter-se a par das publicações do amigo (a edição de 1928 de *Os Lusíadas*, com José Maria Rodrigues, que levou ALV até ao Brasil, numa jornada de larga e inusitada divulgação). O remate epistolar com convite para um almoço parisiense certifica o leitor do grau de familiaridade firmado entre os dois homens, livres de barreiras sociais.

Na carta de agosto de 1932, AV mostra-se conhecedor dos dissabores da viagem às províncias ultramarinas efetuada por ALV, através do folheto de

1932 *Relatório e contas da minha viagem a Angola*. Doente, AV está de regresso a Portugal, e vai para Peniche, por recomendação médica para repouso; porém, não deixa de oferecer os seus préstimos. Imediatamente ALV lhe responde, enviando-lhe o folheto, e confortado por o saber bem.

A carta de junho de 1933, conta o episódio político do gráfico Júlio Pinto de Oliveira, preso na enfermaria da Cadeia do Limoeiro, pedindo para ele a generosa intercessão de ALV, e contendo as assinaturas de vários operários solidários. As duas cartas seguintes são de julho e mostram a lentidão de todos os processos, enquanto dão um retrato fiável da atmosfera política que então se vivia; mas deixam perceber que o escritor, assim como Carvalho Nunes, terão movido as suas influências para a boa resolução do processo de Pinto. Só na carta de dezembro de 1933 a situação de Júlio Pinto de Oliveira fica resolvida cabalmente e essa é a ‘boa notícia’ que AV dá a ALV. Conhecendo o espírito de solidariedade e fiel amizade do escritor, não é de antever que tivesse deixado por responder 4 cartas com assuntos de cariz humano tão graves, embora ele próprio estivesse a atravessar um dos momentos de crise na sua vida. No entanto, é de lamentar que as missivas de ALV, a terem existido, se tenham perdido, tanto mais que o escritor guardou parcimoniosamente as do amigo tipógrafo.

A missiva não datada de ALV poderá ser, hipoteticamente, posterior às anteriormente referidas de AV, e por se referir a um assunto melindroso – que julgo ser a questão da publicação do folheto *Éclogas de Agora* – terá sido guardada com mais zelo e chegou até ao espólio de Alberto Pedroso. É um documento fundamental para se perceber as renitências do escritor (que não apenas a sua oposição ao regime), face às instabilidades na vizinha Espanha, que hão de conduzir à Guerra Civil, bem como o estado geral de desequilíbrio do mundo, que haverá de conduzir à II Guerra Mundial. Permite-nos ainda subentender que a composição gráfica e revisão do folheto tenha sido feita por AV, evidenciando que a colaboração entre os dois amigos nunca cessou.

Se percorrermos as várias obras publicadas em vida, e até depois da sua morte, por Alexandre Vieira (1950; 1951; 1959; 1960; 1970; 1977), encontramos a sua última homenagem a ALV, no capítulo “Dr. Afonso Lopes Vieira. Poeta e Escritor” do livro de 1959, em edição de autor, *Figuras Gradadas do Movimento Social Português* (pp. 199-204). Aí AV data o início do seu relacionamento com o escritor de 1923 – com a tipografia da BN a funcionar em plenitude – expressamente para vir a ser o revisor de algumas das suas obras e da revista *Lusitânia*. A partir daí seria essa a ligação funcional a unir os dois



Alexandre Vieira na sessão de julgamento no Tribunal da Boa Hora em 23 de junho de 1927
[PT-TT-EPJS-SF-001-001-0005-0769B_derivada]

homens ligados às letras, de modo diferente, porém com um entendimento profundo:

[...] Passei a ser desde então o revisor do consagrado Poeta, que todas as tardes era certo na tipografia da Biblioteca Nacional, onde, além da *Lusitânia*, se imprimiram as obras que publicou até 1927, e seu revisor continuei sendo, até à data em que lançou o último volume. [...] (Vieira, 1959, p. 199)

O texto de AV atesta todas as suposições que a correspondência encontrada tinha permitido fazer: a presença como visita da casa de S. Pedro de Moel; o reconhecimento mútuo pela distinção da função de 'Revisor', embora se situassem politicamente em polos opostos. O percurso nas artes gráficas de AV fez com que aos 23 anos de idade, em Viana de Castelo, dirigisse o jornal «O Lutador», órgão local da Federação das Associações Operárias e depois se tenha fixado em Lisboa definitivamente, filiando-se na Associação dos Compositores Tipográficos. Privou nos meios libertários com Emílio Costa, Pinto Quartín, Campos de Lima, Neno Vasco, Adolfo Lima e Aurélio Quintanilha, integrou-se na proposta revolucionário do sindicalismo e tornou-se um dos seus mais ativos militantes e propagandistas. Vieira era um homem íntegro, leal, sem dogmatismos, praticando uma firme amizade com todos; se discordava não se irritava e até seria

capaz de contemporizar, o que o levou algumas vezes a posições de certo modo ambíguas quer quando se definiu a influência anarcossindicalista quer depois do aparecimento do Partido Comunista. Por isso não é de estranhar que reconheça no escritor ALV ideias opostas às suas; porém, a pertença a campos ideológicos tão distantes, nunca os impediu de desenvolverem uma amizade singular, como ele mesmo regista:

[...] Em ideias estávamos em pólos opostos. Ele era integralista, eu o que sou hoje e sempre fui. Nunca tivemos, porém, o mais leve atrito, antes existiu invariavelmente entre o avançado e o nacionalista a melhor camaradagem. [...] (Vieira, 1959, p. 200)

Interessante é registar o ponto de vista de AV durante o julgamento e a postura de ALV:

[...] No dia do meu julgamento, Afonso Lopes Vieira, que, quer pela sua condição de Escritor, quer pela sua categoria social, quer ainda pelas suas ideias políticas, estava muito mais próximo do director da Biblioteca do que de mim, fez, em pleno tribunal, uma altissonante defesa do operário tipógrafo, de quem disse ter muita honra em considerar-se camarada, no que foi secundado pelo falecido doutor José de Figueiredo, director do Museu das Janelas Verdes, igualmente cliente da tipografia da Biblioteca; pelo meu antigo camarada e velho amigo doutor Aurélio Quintanilha, ao tempo professor da Universidade de Coimbra, e ainda pelo professor Ferreira de Macedo, que, muito doente nessa ocasião, se levantou da sua cama, com evidente sacrifício, para, apoiado a duas bengalas, subir ao tribunal da Boa-Hora, num gesto de rara elegância, que ainda hoje não posso recordar sem funda emoção. Não devo esquecer também a alta isenção de Ramada Curto, o meu distinto patrono, que, espontaneamente, quis tomar a defesa do excomungado.

Medularmente artista, Lopes Vieira tinha-me dito, uns dias antes da audiência: “Vieira: temos de fazer do seu julgamento uma tarde de Arte”. Foi, efectivamente, uma tarde em que se fez Arte, e não exclusivamente Arte, mas também Justiça. [...] (Vieira, 1959, p. 201)

Tendo sabido inesperadamente da morte do escritor, AV lamenta não o ter ido visitar presencialmente e rende a homenagem justa, desfazendo a pose da ‘torre de marfim’, na voz de um operário perseguido pelas hierarquias:

[...] Este, que exteriormente parecia uma criatura menineira, pueril, era, ao contrário, dotado de qualidades másculas, possuindo forte coragem moral, como o demonstrou em várias circunstâncias da sua vida. [...] (Vieira, 1959, p. 202)

Dentro da mesma linha, em que a figura de ALV aparece como um ‘fazedor de pontes’, acrescento ainda a transcrição de um telegrama com votos natalícios, em dezembro de 1927, dos ex-gráficos da BN, assim como uma carta de janeiro de 1933, em que explicam a sua ausência a acompanhar o escritor na altura do falecimento do seu pai. Ambos os documentos, do espólio da BML, atestam a amizade que uniu o escritor com os operários da tipografia da BN.

Em termos históricos, uma década é muito ou pouco tempo – dependendo da perspetiva em consideração; no entanto, serviu para ligar dois homens distanciados socialmente, mas que o amor pelas palavras, seja na forma gráfica ou na literária, e a esperança na valência da noção de justiça, irmanaram num ritmo epistolar que a incúria do tempo se permitiu esconder. O pouco que sobrou ficará registado para o futuro, na expectativa de que venha a ser completado com novas descobertas ainda por fazer.

Referências Bibliográficas

- Vieira, Alexandre (1950). *Em volta da minha profissão: Subsídios para a história do movimento operário*. Lisboa.
- ____ (1951). *Como se corrigem provas tipográficas: Noções úteis para quem manda executar impressão às tipografias*. Albagráfica, Lda. Lisboa. col. Gonçalves Piçarra.
- ____ (1959). *Figuras gradas do Movimento Social Português*. Lisboa.
- ____ (1960). *Delegacia a um Congresso Sindical*. Lisboa.
- ____ (1970). *Para a História do Sindicalismo em Portugal*. Lisboa. Seara Nova.
- ____ (1977). *Subsídios para a história do Movimento Sindicalista em Portugal - De 1908 a 1919*. Edições BASE.

Espólio da Biblioteca Municipal de Leiria: BML, *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*.

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09771.142#1>

<https://silenciosememorias.blogspot.com/2019/03/2079-alexandre-vieira-i-o-caso-da.html>

http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_9825

Transcrição da correspondência:

Alexandre Vieira (n. 1880 — † 1973), BML: vols. VII, n.º 85; VIII, ‘Lusitânia’; IX, n.º 79; XI, n.º 18 (Correspondência em numeração árabe no índice: 1 postal e 7 cartas)

Afonso Lopes Vieira (n. 1878 — † 1946), http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_9825 (Correspondência em numeração romana no índice: 3 cartas)

ÍNDICE:

1. 17 de Setembro de 1924
- I. 30 de Março 1927
2. 5 de Abril de 1927
3. 20 de Fevereiro de 1929
4. 25 de Agosto de 1932
- II. 26 de Agosto 1932
5. 12 de Junho de 1933
6. 6 de Julho de 1933
7. 28 de Julho de 1933
8. 5 de Dezembro de 1933
- III. nd. [1934?]

1. [BML, *Cartas [...]*, vol. VIII, *Lusitânia*] Postal — 17 de Setembro de 1924 (Bilhete postal manuscrito a preto, dirigido a Exm.º Snr. / Afonso Lopes Vieira / Casa de S. Pedro / S. Pedro de Moel / (Oeste))

Covas de Ferro (Sabugo), 17/9/924

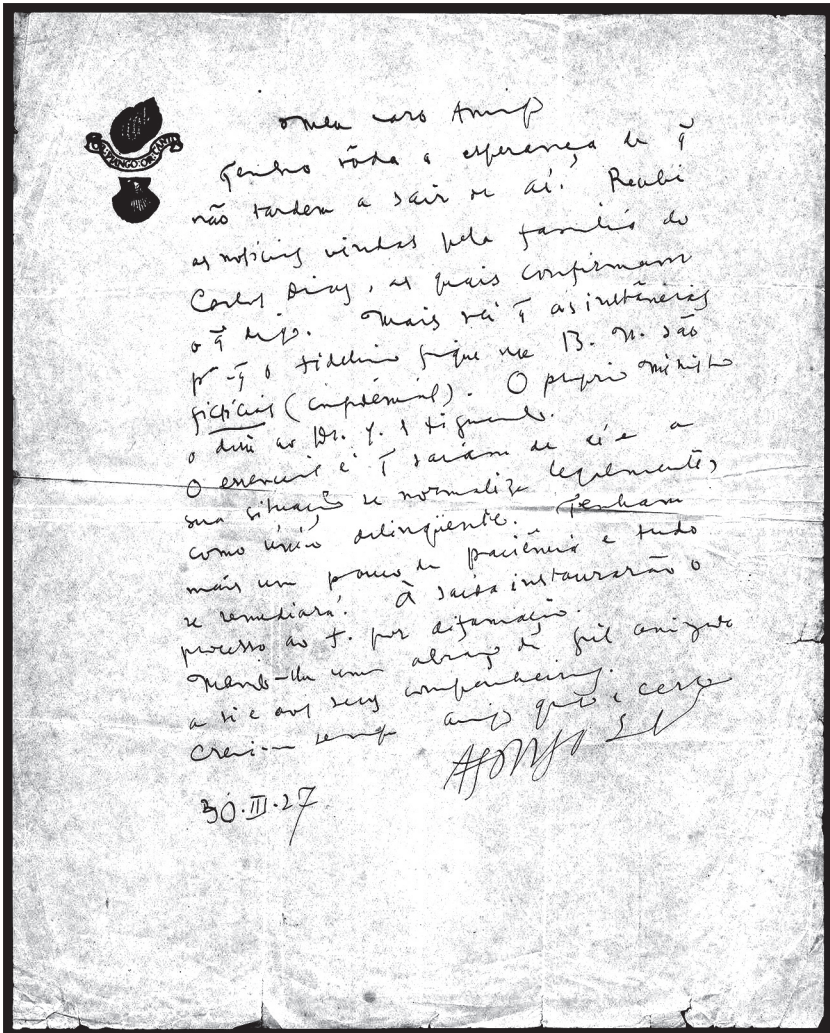
Exm.º Snr. Doutor:

Recebi, já quando me encontrava neste lugar, o amável postal de V. Ex.ª. Não acusei imediatamente a sua recepção porque, esperando que me enviassem algumas provas da *Lusitânia* que na primeira revisão tinham bastantes *gralhas*, propunha-me fazê-lo a seguir. Sei, porém, que as referidas provas foram conferidas pelo Sr. Dr. Reinaldo dos Santos. Ainda não vi o número da Revista, o que espero suceda em breve, visto que na próxima / (2) semana devo

apresentar-me na Biblioteca.

Deseja que V. Ex.^a haja tido excelentes férias o que é
Amigo Mt.^o At.^o e Ob.^o / Alexandre Vieira

I. **Pasta:** 09771.111 **Assunto:** Carta relativa a conflito ocorrido entre Fidelino de Figueiredo, director da Biblioteca Nacional, e os operários gráficos, de que resultou a prisão de Alexandre Vieira e outros colegas. **Remetente:** Afonso Lopes Vieira



o meu caro amigo
Tenho toda a esperança de que
não tardem a sair de ai. Recibi
as noticias vindas pela familia de
Carlos Drey, as quais confirmam
o que me diz. Mais vai a asinteneria
por que o fidelino ficou na B. N. são
ficticias (impendial). O proprio ministro
o diti de Dr. F. e figuereido.
O envenen e i. T. saiam de eis a
sua situacão se normaliza legalmente,
como um delinqüente. Pesam
mais um pouco de paciencia e tudo
se remediara. A saia instaurarão o
processo ao t. por defonacão.
Memb-la um abraço de fil amigo
a ti e aos seus comparsas.
Cresce um amigo qto e certo
ALV

30. III. 27

Carta autógrafa de ALV a Alexandre Vieira em 30-03-1927 [Fundo Alberto Pedroso]

Destinatário: Alexandre Vieira **Data:** Quarta, 30 de Março de 1927 **Fundo:** Alberto Pedroso **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 1

Meu caro Amigo

Tenho toda a esperança de q não tardara a sair de aí. Recebi as notícias vindas pela família do Carlos Dias, as quais confirmam o q digo. Mais sei q as influências p.^a q o Fidelino fique na B. N. são fictícias (confidencial). O próprio Ministro o disse ao Dr. J. de Figueiredo.

O essencial é q saiam de aí e a sua situação se normalize legalmente, como único delinquente. Tenham mais um pouco de paciência e tudo se remediará. À saída instaurarão o processo do F. por difamação.

Mando-lhe um abraço de fiel amizade a si e aos seus companheiros.

Creia-me sempre amigo grato e certo,

AfonsoLV

30.III.27

2. [BML, *Cartas [...]*, vol. VII, n.º 85] Carta — 5 de Abril de 1927

Sala 4 do Forte de Monsanto / (Lisboa), 5-IV-927.

Senhor Doutor Afonso Lopes Vieira
E meu Exm.^o Amigo:

Sabia que V. Ex.^a tinha muita simpatia pelos tipógrafos da Biblioteca Nacional, mas o conflito que nos trouxe à cadeia veio demonstrar-me, e a todos os meus colegas igualmente detidos, que em V. Ex.^a não tínhamos apenas um simpatizante, mas um devotado amigo, tantas e tão expressivas são as gentilezas de que lhe somos devedores. É sempre grato, sobretudo quando se está nestes lugares, verificar que há alguém que nos não / (2) recusa a sua solidariedade moral; mas quando, como no caso presente, a pessoa que nos dá a sua assistência amiga reúne as altas qualidades mentais e morais de V. Ex.^a, e para mais o faz espontaneamente, ficamos confundidos, tão pouco habituados estamos a assistir a actos de semelhante natureza.

Conhece V. Ex.^a alguns dos antecedentes do conflito ocorrido na Biblioteca. A-pesar disso, / (3) e para que V. Ex.^a possa fazer uma ideia o mais

possível exacta dos factos, enviamos-lhe uma prova dum manifesto que tentámos fazer circular, mas a que a comissão de censura se recusou pôr o visto, a despeito do Ministro da Instrução haver declarado que “podia ser publicado na íntegra”.

Estamos impedidos, Senhor Doutor, de esclarecer o conflito, embora a parte contrária, como V. Ex.^a sabe, haja tido a faculdade de dizer o que lhe aprouve, medida de excepção odiosíssima.

Há 33 dias presos sem culpa formada e entregues ao poder militar, não obstante se tratar dum delito de agressão da alçada dos tribunais comuns, aguardamos, de espírito ao alto, o têrmo desta violência.

Digne-se V. Ex.^a receber as respeitosas saudações de todos os meus colegas e a mais viva expressão de reconhecimento do que é

Amigo mt.^o grato / Alexandre Vieira

[escrito na margem superior da p. (4)] P. S. – Foi-me entregue em devido tempo, pela esposa do meu colega Carlos Dias, a carta que V. Ex.^a teve a gentileza de enviar-me, que li imediatamente aos meus camaradas, que muito saudaram, comigo, V. Ex.^a – A. V.

3. [BML, *Cartas [...]*, vol. IX, n.º 79] Carta — 20 de Fevereiro de 1929 (carta manuscrita a preto, sobre papel de carta lilás, sem nenhum timbre)

Paris, 20 de Fevereiro de 1929
192, Boulevard de la Villette / Hôtel Selectior

Senhor Doutor Afonso Lopes Vieira
Meu Exm.^o Amigo

Há muito que deveria ter escrito a V. Ex.^a, e não há dúvida que com essa intenção andava há muito tempo, mas tenho vindo a adiar de dia para dia o que reputo cumprimento de um dever, umas vezes por escassez de tempo, outras por indisposição de espírito. Resolvo-me hoje, enfim, a dar-lhe as minhas notícias – e também a contar-lhe a minha história. Trata-se de um caso que tem assim jeitos de inacreditável, caso que V. Ex.^a possivelmente ignora, pois poucas pessoas estão ao facto dêle, e muitas há seguramente que, conhecendo-me superficialmente, o tomariam como engendrado por mim, uma

das razões porque me tenho abtido de contá-lo. Encha-se V. Ex.^a de paciência, que diligenciarei ser breve.

Faz para o mês que vem um ano que foi preso, em Lisboa, um elemento operário, aliás meu amigo, sob a acusação de estar envolvido numa conspiração revolucionária contra o govêrno. Mantido em rigorosa incomunicabilidade durante alguns dias, pretendia a polícia que êle confessasse a quem havia dado umas granadas-de-mão de cuja existência esta sabia, mas de que ignorava o paradeiro. Como o rapaz se limitasse a assumir a sua responsabilidade no caso e procurasse ocultar o nome de uma segunda personagem, foram-lhe aplicadas as algemas e simultaneamente começaram as agressões corporais. Resistiu o preso durante vinte / (2) e tantos dias, mas como nessa altura as agressões fossem já insuportáveis – e eram-no tanto que teve então duas síncofes – não pôde deixar de indicar um nome. Êsse nome foi o meu.

O preso sabia que eu estava, por essa data, fora de Lisboa e, no propósito de poupar o verdadeiro responsável, empregou aquela derivante, convencido de que eu seria prevenido a tempo e que, por isso, me absteria de regressar à capital, como de facto sucedeu. E deste modo passei eu a ser para as autoridades, além do mais que elas me atribuem, detentor de granadas-de-mão. É claro que a polícia não duvidou sequer um instante da autenticidade da declaração, tanto mais que ainda estava fresca a recordação do caso da Biblioteca; e o seu primeiro cuidado foi procurar-me em casa.

Eram duas horas e meia da manhã quando um grupo de indivíduos da polícia assaltou a minha residência, onde apenas estavam minha mulher, absolutamente tranquila, e uma jovem sobrinha, que lhe fazia companhia. A casa foi tomada no meio de grande tropel, não permitindo aquela gente que minha mulher, que decididamente não aguardava semelhantes visitantes, se acabasse de vestir. Muito correctos os tais senhores... Não me tendo encontrado em casa, entretiveram seus ócios até às sete horas da manhã, remexendo muita da minha papelada, farejando os livros, esquadrinhando todos os recantos e lendo o que lhes apeteceu da correspondência que encontraram, não mostrando a menor relutância em babujar coisas íntimas. Por fim, como era mister apresentar serviços, houveram por bem levar-me parte da correspondência (sem que tivessem escapado algumas subversivas páginas que devo à amabilidade de V. Ex.^a), uma boa porção dos meus caros livros, muitos deles adquiridos com sacrifício e entre os quais possivelmente foram alguns dos que V. Ex.^a me ofereceu, e ainda todas as colecções, encadernadas, dos / (3) jornais operários que tenho dirigido, que os esbirros ignoram, certamente,

que existem nas bibliotecas públicas, e ainda bem que eles não conhecem isto, pois eram capazes de mandar deitar-lhes fogo. Restava, porém, fechar com um acto retumbante. A ideia (*sic*) veio logo e não hesitaram em pô-la em prática: prenderam minha mulher e minha sobrinha, conduzindo-as para a sede da polícia, onde foram conservadas por espaço de três noites e dois dias! Porém, a minha correspondência particular, os meus livros e as colecções de jornais, que não posso reconstituir e a que andam ligadas recordações da minha actividade no movimento sindicalista, não me foram restituídos. Um roubo legal, afinal.

V Ex.^a conhece-me o suficiente para não ignorar que não tenho carácter para afastar de mim responsabilidades que de facto me pertençam. Quero com isto dizer que ao afirmar-lhe que nada tenho, nem de perto, nem de longe, com o tal caso das granadas-de-mão, não sacudo a água do meu capote. Se me perguntarem se eu vejo com agrado a existência da ditadura em Portugal, responderei, sem titubear, que é tão pouca a simpatia que tenho por ela que será com grande regozijo que a verei um dia por terra. Mais: na medida das minhas possibilidades, não deixaria de dar a minha ajuda à sua queda, se para isso tivesse ensejo. Porém, sendo eu embora contra a ditadura, o caso é que não registo, até hoje, no meu activo um caso revolucionário contra ela, se por acto revolucionário se entende a participação efectiva em quaisquer agrupamentos organizados com o objectivo de fazê-la baquear violentamente. Todavia, se alguém fosse dizer isto aos homens da polícia, estes não acreditariam. E, desta vez, com aparente razão, não há dúvida. Nestas condições...

/ (4) ...Nestas condições, como decididamente é preferível estar no continente do que em África – que era o menos que poderia acontecer-me – e na impossibilidade de fixar-me por agora em Portugal, cá estou na “cidade Luz”, que, sob certos aspectos – e só se conhecem estas cousas quando por cá se passa – é braseiro, mas não facho. Desde Maio em Terras de França, não tenho estado inactivo, nem aliás o poderia estar, como é óbvio. Tenho exercido a minha profissão em algumas tipografias de Paris e, pelo verão passado, como aqui houvesse falta de trabalho, estive numa tipografia de Melun, perto de Fontainebleau, cujos *château* e *forêt* visitei por vezes, sempre com aprazimento, é claro. A vida, que aqui é dura para os operários estrangeiros, nem sempre me tem corrido agradavelmente, se bem que, felizmente, não haja passado privações. Presentemente estou como corrector de provas numa *maison* de Paris, com um salário que, a-pesar-de ser dos maiores que um operário ganha em França – o dobro do que eu levantava aí – não me dá

margem a grandes larguezas. A alimentação não é mais cara do que em Lisboa, nem os artigos de vestuário, mas a renda das casas é elevadíssima, pelo que os operários parisienses residem, em regra, nos arredores. No hotel onde estou hospedado, com minha mulher – que veio juntar-se-me há uns três meses – dispomos, como quási todos os casais, de uma única *chambre*. É limpa, tendo num recanto uma cozinha em miniatura, onde a minha boa *ménagère* faz uns petiscos à portuguesa (nos quais entra, por vezes, o bacalhau com batatas, que os franceses nem de ouvido conhecem), mas por essa *chambre* pago eu, por semana, quási duas vezes mais do que dou em Lisboa pelas minhas sete amplas dependências. / (5) Enfim, vive-se – e aprende-se, sendo talvez esta a maior vantagem que tiro do meu homizio.

E V. Ex.^a, de óptima saúde? Sei que saíram, já há muitos meses, os *Lusíadas*, que ainda não tive o prazer de ver, e sei também que V. Ex.^a foi de longada até ao Brasil, onde teve uma excelente recepção. Não ignoro igualmente que voltou para a tipografia do Libânio, onde seguramente está tratando neste momento de alguma nova edição, de que lamento não poder ter o gosto de ser o revisor. Quanto à *Lusitânia* – a bela revista – sinto que haja terminado com a extinção da tipografia da Biblioteca, um dos maiores crimes da ditadura.

Mas é tempo de fechar esta fastidiosa carta, onde quási exclusivamente falo de mim, o que V. Ex.^a perdoará. Se V. Ex.^a vier a Paris enquanto eu por aqui estiver – que desejo não seja por muito tempo – e quiser dar-me a honra de subir até ao meu quinto andar (não se assuste V. Ex.^a: há elevador), dado que, como creio, não aprecie a cozinha francesa, terei um sincero prazer em comer com V. Ex.^a uma sopa à portuguesa, que é também uma maneira de recordar a terra longínqua.

Rogando-lhe a distinta fineza de transmitir a Madame Lopes Vieira os meus respeitosos cumprimentos, queira V. Ex.^a receber as gratas saudações de minha mulher e as melhores lembranças do

Amigo Mt.^o Obg.^o / Alexandre Vieira

4. [BML, Cartas [...], vol. XI, n.º 18] Carta — 25 de Agosto de 1932 (carta manuscrita a preto, sobre papel de carta branco, normal, sem nenhum timbre)

Viana-do-Castelo, 25 de Agosto de 1932.

Meu Exm.º Amigo

Informado, por amigos e colegas da Imprensa Nacional, do actual paradeiro de V.Ex.ª, apresso-me a exprimir-lhe os meus votos de que tenha excelentes férias no seu navio de S. Pedro de Muel, de onde, seguramente, sairá com mais gratas impressões que as trazidas do outro navio que recentemente o desembarcou de terras de África, pois segundo o que hei lido, a propósito do relatório recentemente dado à estampa por V. Ex.ª, essa viagem acarretou-lhe, sobretudo, um forte sentimento de contrariedade.

Por intermédio dos aludidos colegas, sei que está V. Ex.ª ao corrente do meu regresso a Portugal e das razões que o determinaram, assim como creio que o Snr. Carvalho Nunes – que tem continuado a mostrar-se extremamente gentil para com a minha pessoa – lhe terá, possivelmente, falado a meu respeito, pois deu-me a honra da sua visita, poucos dias / (2) antes da minha saída de Lisboa, onde me detive uns dez dias apenas.

Cabe-me agora afirmar a V. Ex.ª o meu reconhecimento bem sincero pelo interesse que lhe mereci, mais uma vez, só lamentando que, em relação ao Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, eu seja um inútil, pois ser-me-ia grato corresponder de algum modo às reiteradas manifestações de estima que lhe devo.

Aconselhado, pelo meu médico, a realizar, fora de Lisboa, uma cura-de-reposo, para tonificar os pulmões, aqui me encontro, assaz melhor presentemente, pelo que voverei a Lisboa antes do fim do mês decorrente, a-fim-de recomeçar a minha vida de trabalho. Na capital – Praça das Flores, n.º 7, 2.º – está às ordens de V. Ex.ª o que é, com a mais distinta consideração,

Amigo Muito Obrigado / Alexandre Vieira

III. Pasta: 09771.142 **Assunto:** Informação transmitida por Quintanilha de que Alexandre Vieira estava em Peniche com residência fixada. Envio de folheto de Afonso Lopes Vieira sobre questões africanas. **Remetente:** Afonso Lopes Vieira **Destinatário:** Alexandre Vieira **Data:** Sexta, 26 de Agosto de 1932 **Fundo:** Alberto Pedroso **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 2

S. Pedro de Moel, 26.VIII-932

Meu caro Amigo

Há dias disse-me aqui o Dr. Quintanilha q o meu Amigo estava em Peniche, com residência fixada! Fiquei espantado – e supus q era boato. Hoje a sua

J. Pedro e Moel, 26. VIII-1932
meu caro Amigo

Há dias disse-me aqui o Dr. Quintanilha q' o meu amigo estava em Peniche, com resistências fixadas! Fiquei espantado - e supus q' era boato. Hoje a sua carta, q' tanto estimei, veio provar-mo largamente. Alegroum-me as suas letras e a boa-nova da sua saúde restabelecida. Tenho pena q' esteja longe, porq' gostaria muito de o ver aqui. - Quanto às minhas aventuras africanas, envio-lhe hoje o meu folheto. O Estado português não é espiritualizável - e esta foi a minha última experiência com êle. Além do prazer de ter visto e sentido a maravilhosa criação nacional de Angola, e do prazer de viajar, resta-me a enorme satisfação de ter em o único q' visitei na África lido a respeito de liberdade e honra de liberto. Só a vista da liberdade desmentou este tema.

Não me desnada, senão a boa disposição q' a sua personalidade me merece. Muito obrigado q' sou seu amigo, cumpro um grato dever. Volte a boa saúde e boa fortuna para si e para os seus.

Afonso Silva Vieira

Carta autógrafa de ALV para Alexandre Vieira em 26 de Agosto de 1932

[Fundo Alberto Pedroso]

carta, q tanto estimei, veio provar-mo largamente. Alegroum-me as suas letras e a boa-nova da sua saúde restabelecida. Tenho pena q esteja longe, porq gostaria muito de o ver aqui. - Quanto às minhas aventuras africanas, envio-lhe hoje o meu folheto. O Estado português não é espiritualizável - e esta foi a minha última experiência com êle. Além do prazer de ter visto e sentido a maravilhosa criação nacional de Angola, e do prazer de viajar, resta-

me a enorme consolação de ser eu o único q voltou de África livre de responsabilidades e limpo de libras. Só à vista lhe poderia desenvolver êste tema. Não me deve nada, senão a boa simpatia q a sua personalidade me merece. Mostrando q sou seu amigo, cumpro um grato dever.

Votos de boa saúde e boa fortuna para si e para os seus,

Afonso Lopes Vieira

5. [BML, *Cartas [...]*, vol. XI, n.º 18] Carta — 12 de Junho de 1933 (carta dactilografada a azul, sobre papel de carta branco, normal, sem nenhum timbre)

Exm.º Sr. Doutor Afonso Lopes Vieira

Os signatários, antigos tipógrafos da Biblioteca Nacional, novamente vêm junto de V. Ex.ª, desta vez, como tem sucedido, de resto, muitas outras, a importuná-lo, ao que são obrigados pela força das circunstâncias, pois bem desejaríamos não incomodar V. Ex.ª em plenas férias.

O nosso antigo chefe, Júlio Pinto de Oliveira – que nunca deixou de ser também um excelente camarada – sofrera um abalo moral profundo com o encerramento das oficinas da Biblioteca e, a despeito de ter passado a exercer a sua actividade na tipografia da Junta de Crédito Público, não ocultava o seu indignado protesto pelo facto de haverem terminado com uma oficina que êle organizara e onde trabalhara durante muitos anos.

Um individuo que conhecia o desgosto do Pinto, sob o pretexto de que não seria impossível que a tipografia da Biblioteca reabrisse em breve, induziu-o a dar guarida, em casa de família sua, a um perseguido politico – no que pensamos que não haveria, aliás, nada de condenável – mas o pior é que, ingénuo como uma criança, prestou-se também a transportar, do Terreiro do Paço para as imediações de sua casa, um embrulho cujo conteúdo desconhecia e que agora veio (*sic*) a saber-se que continha invólucros de granada.

Descoberto, recentemente, o grupo, parece que por delação do aludido individuo, foram presos os seus componentes, pelo que o Pinto se encontra encarcerado na enfermaria da cadeia do Limoeiro, por sofrer dum antraz.

Receiam os signatários, Senhor Doutor Afonso Lopes Vieira, que a detenção do seu colega venha a prolongar-se, e, se assim sucedesse, poderia isso trazer como consequência a perda da sua situação de funcionário, conquis-

tada em longos anos de trabalho probo, o que seria o desmanchar dum lar.

Sabendo que V.Ex.^a estima o Pinto de Oliveira e que seria com mágoa que assistiria a semelhante acontecimento, não hesitam os signatários – em nome de todos os seus antigos camaradas – em dar-lhe conhecimento das apreensões que têm, certos de que V. Ex.^a usará da sua alta influência no sentido de contribuir para que o seu antigo chefe seja em breve restituído à liberdade, pelo que ficarão devendo mais um valiosíssimo serviço ao devotado amigo dos ex-tipógrafos da Biblioteca Nacional e ao homem de coração.

Digne-se V. Ex.^a receber, Senhor Doutor Afonso Lopes Vieira, as nossas mais respeitosas saudações.

Lisboa, 12 de Junho de 1933.

Alexandre Vieira
Artur Cesar Pedrosa
Aquilino Mendes
Carlos Dias
Manuel Joaquim Cabrita
José Paes
Luis Filipe
Delfim Tavora

6. [BML, *Cartas [...]*, vol. XI, n.º 18] Carta — 6 de Julho de 1933 (carta manuscrita a preto, sobre papel de carta branco, quadriculado, sem nenhum timbre)

Exm.º Sr. Doutor Afonso Lopes Vieira
Meu Exm.º Amigo

Lisboa, 6 de Julho de 1933.

É bem possível que V. Ex.^a tenha suposto que só me dou pressa em bater-lhe ao ferrolho quando se trata de pedinchice. Não é, porém, assim, embora as aparências sejam contra mim. É que tendo, já cêrca de um mês, em minha casa, e bastante doente, uma minha irmã de Viana-do-Castelo – uma excelente rapariga, por sinal – dadas as 8 horas à oficina, mal me fica tempo para pensar noutra cousa que não seja diligenciar que ela melhore e, assim, quando não é no consultório do médico ou no pôsto cirúrgico que passo uma boa parte das minhas poucas horas de ócio, é procurando distraí-la fora de

casa, a-pesar de ter em minha mulher uma auxiliar dedicada. Assim se explica que só agora acuse a recepção da amistosa carta de V. Ex.^a – que ainda me não foi restituída pelo Snr. Carvalho Nunes – e do bilhete-postal de quarta-feira da semana passada.

Quanto ao caso do Pinto, sem mudança vantajosa para êle. Lá continua na enfermaria da cadeia do Limoeiro, com um novo antraz, tudo indicando que permanecerá encarcerado longos meses.

/(2) Falámos com o Snr. Carvalho Nunes, que a princípio nos deu boas esperanças de que o Pinto seria em breve restituído à liberdade, mas que na segunda entrevista (esta efectuada depois de lhe ter enviado, para Mafra, a carta de V. Ex.^a) nos declarou que, a despeito da sua intervenção amigável, nada conseguira, porquanto o processo em que o Pinto figura passara para o tribunal militar, o que quere dizer que o nosso camarada terá que responder. Acrescentou que conseguira que o referido processo passasse à frente dum outro, isto no propósito de abreviar o julgamento. O pior é que, até anteontem, o processo não chegara ao tribunal, constando que se encontra no Ministério do Interior.

Estou convencido, Senhor Doutor, que o Pinto não só responderá tarde, mas que perderá o seu lugar de tipógrafo da Junta do Crédito Público. Será o fim da sua carreira de funcionário, precisamente ao entrar na fase pior da existência.

Todos os rapazes que V. Ex.^a conheceu na Biblioteca lhe estão muito agradecidos pela boa-vontade com que interveio a favor do Pinto – e também pela prontidão. Todos, e eu com eles, temos mais um motivo para lhe estarmos gratíssimos. As melhores lembranças dos meus colegas e as respeitosas saudações do Criado Mt.^o Obj.^o

Alexandre Vieira

[escrito no início (margem superior) da pág. 2 e separado do texto da carta por um traço longitudinal]

P.S. – Tem V. Ex.^a razão para o reparo que fazia, em relação à minha pessoa, no final da sua carta. Quando regresssei de Viana a Lisboa, estava V. Ex.^a ainda em férias, pois propunha-me fazer-lhe então a devida visita. Tendo começado, pouco depois, a trabalhar, veio a negligência, que quebrarei quando V. Ex.^a regressar. Para Outubro, não é assim? – A. V.

7. [BML, Cartas [...], vol. XI, n.º 18] Carta — 28 de Julho de 1933 (carta manuscrita a preto, sobre papel de carta branco, normal, sem nenhum timbre)

Lisboa, 28 de Julho de 1933.

Meu Exm.º Amigo

Recebi, logo a seguir ao envio da minha carta última, o bilhete-postal de V. Ex.^a, não me tendo esquecido de dar ao Pinto o abraço que para ele mandara, o que de-veras o sensibilizou.

Quanto à sua situação, modificou-se, mas não em sentido melhor: acabam de informar-me antigos camaradas da Biblioteca que o processo que lhe diz respeito foi enviado, ontem, para o tribunal, o que quer dizer que terá que aguardar em prisão – sabe-se lá quantos meses ainda! – o competente julgamento.

Chegámos a estar convencidos que teríamos a dar uma agradável notícia a V. Ex.^a, pois havendo sido inteirados de que alguns indivíduos que figuram no mesmo processo tinham beneficiado da chamada “liberdade condicional”, contávamos que a mesma concessão fosse tornada extensiva ao Pinto, que não é, aliás, dos que têm a parte mais carregada. Para o efeito avistou-se uma comissão de amigos com o Snr. Carvalho Nunes, que se prontificou a servir de abonador do Pinto e também a fazer algumas diligências junto das autoridades competentes. A princípio bem mar- / charam as cousas, mas, volvidos alguns dias, surgiam as primeiras dificuldades, e, neste momento, já não temos ilusões. O Pinto permanece na cadeia, enquanto um tal Marmelo da Silva, a quem se atribuem maiores responsabilidades, foi solto condicionalmente.

O Snr. Carvalho Nunes, como suponho ter informado V. Ex.^a, disseram-nos, há tempo, que desde que o processo fosse enviado ao tribunal, procuraria conseguir que o julgamento se abreviasse. Não duvido da boa vontade de S. Ex.^a, mas, sem ser pessimista por sistema, aquilo por Santa Clara não andarà a passo acelerado, a despeito dos juízes serem da tropa.

Eis o que neste momento se me oferece comunicar-lhe sobre o assunto e em que, mau grado nosso, nada há de animador.

Digne-se V. Ex.^a aceitar, com a expressão do mais vivo reconhecimento dos antigos tipógrafos da Biblioteca pela dedicação que tem votado ao caso do Pinto, as melhores lembranças do que é

De V. Ex.^a / Amigo Muito Obrigado / Alexandre Vieira

8. [BML, Cartas [...], vol. XI, n.º 18] Carta — 5 de Dezembro de 1933 (carta manuscrita a preto, sobre papel de carta branco, normal, sem nenhum timbre)

Lisboa, 5 de Dezembro de 1933.

Exm.º Snr. Doutor Afonso Lopes Vieira

São tantas as ocasiões em que bato ao ferrolho do meu Exm.º Amigo para comunicar-lhe notícias desagradáveis, de ordinário acompanhadas do concomitante apelo à intervenção amigável de V. Ex.ª, que é com imensa satisfação que hoje fujo à regra, o que significa que não é apenas quando tropeja que me lembro de Santa Bárbara...

A boa nova que neste momento tenho a fortuna de transmitir a V. Ex.ª é que o Pinto de Oliveira acaba de sair do Aljube, hoje mesmo me havendo dado a grata surpresa da sua visita na oficina onde trabalho. Foi despronunciado pelos investigadores do tribunal militar, o que quer dizer que o juiz promotor não encontrou no processo matéria culposa que justificasse a apresentação do nosso amigo àquele tribunal.

Êste desfecho, como V. Ex.ª compreende, é mais apreciável ainda do que uma absolvição em pleno / (2) tribunal, visto que, assim, não só o Pinto não está sujeito a aguardar, sob prisão, um julgamento que, certamente, só volvidos alguns meses se efectuará, mas também porque dêste modo é natural que seja reposto no seu lugar de tipógrafo-chefe da Junta do Crédito Público.

Certo de que V. Ex.ª receberá com satisfação esta notícia, ajuntarei que o Pinto lhe está de-veras grato pelo interesse com que o acompanhou nos momentos de adversidade por que vem de passar.

Queira V. Ex.ª receber as melhores lembranças do que é, com a mais distinta consideração,

Amigo Mt.º Obg.º / Alexandre Vieira

II. Pasta: 09771.112 **Assunto:** Refere ter recebido exemplar de livro e ter dúvidas sobre a oportunidade da publicação atendendo a acontecimentos em Espanha.

Remetente: Afonso Lopes Vieira **Destinatário:** Alexandre Vieira **Data:** s.d.

Fundo: Alberto Pedroso **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 3

Prezado Amigo:

Prezado Amigo
Recebi exemplar e carta – e do
Coração lhe agradeço a bela dedica-
ção, provada através de tantas
dificuldades! – A impressão é boa
e até mt^o boa atendendo às circuns-
tâncias. Teria porém preferido a capa
branca e um papel q desse o tom
do folheto de cordel; dos q custavam
10 réis e ainda hoje os cegos vendem,
depois de cantarem os fados.
Surtem porém dúvidas mt fortes
no meu espírito acerca da oportu-
nidade da publicação, atendendo
aos factos de Espanha, cujo carácter
exige séria reflexão. Se o folheto
saísse nas circunstancias actuais
seria fácil accusarem-me de anti-
patriotismo por enfraquecer o
governo nacional diante do perigo
espanhol. Há aqui matéria me-
lindrosa e não deves publicar (ou,
melhor, fazer distribuir) a obra que
quanto os dias estiverem tão tristes
dessa banda. É esta também
a opinião de amigos meus, e
como já soberaneamente provei q
não receio o notho trazo, não quero,
para grandíssimos gaudis d'ele,

Nesta e na página seguinte: Carta de ALV para Alexandre Vieira, s.d. [Fundo Alberto Pedroso]

Recebi exemplar e carta – e do coração lhe agradeço a bela dedicação pro-
vada através de tantas dificuldades! – A impressão é boa e até mt^o boa aten-
dendo às circunstâncias. Teria porém preferido a capa branca e um papel q des-
se o tom do folheto de cordel, dos q custavam 10 réis e ainda hoje os cegos
vendem, depois de cantarem os fados.

dar-lhe estejo a q me possa atacar de
flanco e deixar-me mal colocado...
Aguardemos, pois - e ninguém mais b
- eu lamenta os Ginetes perdidos, o q
deu em resultado vomos a cair na
pior das ocasiões! Tudo, pois, q me
diz na sua carta será resposta a seu
tempo, mas não agora por inoportuna.
Certo q o meu amigo concordará em
q tenho razão em aguardar outro curso,
se ele vier e não se apavara tudo o q
está e dará talvez ainda uma tentativa
de combinações de cá e lá (do q correm já
boatos e papéis clandestinos) - o q me
obrigaria a apoiar o homem presente!
O meu amigo J. R. deverá entregar-lhe
a quantia indicada a grande em buscar
esta carta. Tenho perdido um mal
disposto de saúde nervosa e de estado
geral, para q concorre a atmosfera
mundial. Talvez eu vá a Inglaterra
brevemente e se for avisado hei dispo-
nimento para convergarmos, mas isto
será antes de 8 ou 10 dias, se chegar a ir.
Formo a dizer q lhe sou muito grato
pela excelente vontade com q trabalhou
neste caso e lamento mais uma vez q
as minhas responsabilidades nacionalistas
(como Casa dos Vinte Quatro) me obriguem
a parar o q tanto custa a conseguir.
Veremos o q o tempo indicará.
Ditos de boa saúde e um bom abraço

G. a Vite

+

p.s. A resposta é ótima, no
de regressar (nem) por sempre

Surgem porém dúvidas mt^o fortes no meu espírito acêrca da oportunidade da publicação, atendendo aos factos de Espanha, cujo carácter exige séria reflexão. Se o folheto saísse das circunstâncias actuais seria fácil acusarem-me de anti-patriotismo por enfraquecer o governo nacional diante do perigo espanhol. Há aqui matéria melindrosa e não desejo publicar (ou melhor, fazer distribuir) a obra enquanto os ares estiverem tão turvos dessa banda. É esta

tambem a opinião de amigos meus, e como já sobejamente provei q não receio o nosso tirano, não quero, para grandíssimo gáudio dêle, / dar-lhe ensejo a q me possa atacar de flanco e deixar-me mal colocado...

Aguardemos, pois – e ninguém mais do q eu lamenta os 6 meses perdidos, o q deu em resultado virmos a cair na pior das ocasiões! Tudo, pois, q me diz na sua carta, terá resposta a seu tempo, mas não agora por inoportuna. Creio q o meu Amigo concordará em q tenho razão em aguardar outro ensejo, se êle vier e não se agravar tudo o q está e dará talvez ainda uma tentativa de combinação de cá e lá (do q correu já boatos e papéis clandestinos) – o q me obrigaria a apoiar o horror presente!

O nosso amigo J. R. deverá entregar-lhe a quantia indicada quando fôr buscar esta carta. Tenho passado mtº mal disposto de saúde nervosa e de estado geral, para o q concorre a atmosfera mundial. Talvez eu vá a Lisboa brevemente e se fôr avisá-lo-hei discretamente para conversarmos. Mas não será antes de 8 ou 10 dias, se chegar a ir.

Torno a dizer q lhe sou mtº grata pela excelente vontade com q trabalhou neste caso e lamento mais uma vez q as minhas responsabilidades nacionalistas (estou na Casa dos Vinte e Quatro) me obriguem a esperar o q tanto custou a conseguir.

Veremos o q o tempo indicará.

Votos de boa saúde e um bom abraço de

A.

6.^a à noite

[escrito na vertical do lado esquerdo] P. S. A revisão é optima; só há sagradas (veias) por sangradas

Dos EX-GRÁFICOS DA BIBLIOTECA, vols. IX, n.º 82; X, n.º 135

- I. [BML, *Cartas [...]*, vol. IX, n.º 82] — 1 telegrama n.º 1510 [endereçoado a dr. afonso lopes vieira | costa do castelo, 37 r/chão | Lisboa], datado de 24 dezembro 1927.

24 dezembro 1927

Os 13 ex-graficos na biblioteca dezejam-lhe um natal feliz

II. [BML, *Cartas [...]*, vol. X, n.º 135] — 1 carta [do Quadro tipográfico dos Gráficos da Biblioteca Nacional], datado de 4 de janeiro de 1933.

Exm.º Snr. Dr. Afonso Lopes Vieira

Os signatários, que constituíam o extinto quadro tipográfico da Biblioteca Nacional, inteirados da penosa notícia do falecimento do Pai de V. Ex.^a, e impossibilitados de se terem feito representar no funeral, por não haverem conhecido, previamente, a hora a que se realizava, vêm por este meio — algo tardiamente, pela dificuldade em colher algumas das assinaturas — trazer-lhe o testemunho do seu pesar pelo duro golpe que vem de ferir V. Ex.^a.

Foi sempre V. Ex.^a duma tão perfeita gentileza para com o extinto quadro tipográfico da Biblioteca que entendem os signatários / (2) que lhes corre o dever de afirmar-lhe, nesta má hora, como nas horas bonançosas, a alta consideração em que continuam tendo o Senhor Doutor Afonso Lopes Vieira, pois ainda não esqueceram a dedicada assistência que, em mais duma conjuntura difícil, tiveram da parte de V. Ex.^a.

Digne-se V. Ex.^a aceitar, com os protestos do seu pesar, as respeitosas saudações dos signatários.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1933.

Alexandre Vieira
/(3) Aquilino Mendes
Aníbal Pinheiro
Artur César pedrosa
Cândido Sancho
Carlos Pereira Dias
Delfim Távora
Julio Pinto d'Oliveira
Joaquim Rodrigues Castello
Inácio Afonso
José Augusto Estácio
José Paes

[linha deixada em branco, provavelmente por haver uma assinatura dos Ex Gráficos em falta]

Max Batalha
Ludgero da Costa
Luis Filipe Gomes da Silva
/(4) Manuel Joaquim Cabrito
Manuel Luiz Duarte